NUMERO 12 — TERÇA FEIRA 27 DE MAIO — I-ANNO — 1862

O VIMARANENSE.

JORNAL POLITICO NOTICIOSO INDUSTRIAL E AGRCOLA

RESPONSAVEL — J. L. DE GOUVEIA. ADMINISTRADOR — JULIO PINTO MONTEIRO GIRÃO

PUBLICA-SE ÁS TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

GUIMARÃES 26 DE MAIO.

Os tumultos vão tomando um aspecto grave.

Já não são esses impetos passageiros com que o povo desabafava, quando vinha ás praças destruir as matrizes, arremecando-as ao fogo em descompostos alaridos contra os exactores do fisco e leis tributarias. A revolta agora assume proporções mais sérias, e póde no caminhar que leva trazer funestas consequencias ao paiz.

Considere o governo. Saiba que por toda a parte o povo se prepara para uma lucta fratricida, e que nas freguezias ruraes lavra funda a revolução e a desordem.

A opposição lamenta estes acontecimentos, que podem lançar o paiz em graves difficuldades, e ser a causa da nossa total ruina.

Queixem-se, pois, de si e não arremessem insinuações torpes contra os inimigos politicos do actual gabinete, porque ninguem da opposição é connivente com os agitadores da desordem.

Se a opposição desejasse subir ao poder por via de taes meios, ha muito, que se podia ter approveitado da irritação que reinava por toda a parte. A agitação foi espontanea. Nasceu do descontentamento que se observa em todas as classes, e que se originou nos vexames tributarios, na desconsideração com que se olha para os queixumes dos povos, que ha muito clamam contra a lei do recrutamento, contra as malversações publicas, contra as tribunecas, contra os desperdicios, e contra essas commissões ostentosas, que todos os dias sahem para o estrangeiro, sem que d'ahi tenha resultado proveito nenhum ao paiz.

Conversem, fallem com esses cabecilhas, que andam á testa do movimento popular, e perguntem-lhe se não foi o povo, que os foi procurar a casa, para que sahissem, e os viessem acaudilhar n'esta agitação temerosa.

Desenganem-se pois: nenhum partido politico, que ama o bem da sua patria, e deseja o seu progresso e prosperidade, quer especular com o descontentamento publico, e escallar o poder por cima de cadaveres, e por meios que não sejam honrosos e honestos.

Seria um terrivel precedente; uma espada de dois gumes que tanto feriria o inimigo, como aquelle, que se servisse d'ella.

Todos desejam a ordem, a ordem primeira garantia do progresso e civilisação d'um povo, porque sem ella não se póde marchar para a perfectibilidade.

«A moralidade na vida publica, como disse um illustre representante do povo na camara eléctiva, é tão essencial como na vida particular, se não for mais; os governos devem ser sempre da opinião publica, e assentar n'ella, porque só assim podem ser fortes, porque dimanam da sua verdadeira origem. Devem assentar na opinião publica, mas na opinião publica formada da rasão geral, e não na opinião publica das paixões que é sempre cega: fallando d'esta dizia Mirabeau: «Do capitolio a Rocha Tarpeia não ha senão um passo». Vitima d'ella foi o religioso Luiz XVI, o virtuoso Bailly, o honrado Malherbes, os eloquentes Girondinos, e até os proprios Jacobinos. A historia, esse deposito de experiencias e observações para esclarecer a theoria do bem publico, deixa constatada clara e videntemente esta verdade».

«N'este presupposto desengane-se o governo, que as armas com que combate a opposição não serão jamais a instigação aos tumultos e á perturbação da ordem mas sim á fixação das boas idéas e á realisação dos verdadeiros principios».

REVISÃO DAS MATRIZES.

Do «Diario de Lisboa» de quinta feira transcrevemos o decreto, pelo qual os contribuintes que se julgarem lesados com o ultimo lançamento, poderão reclamar contra as matrizes da contribuição predial.

«Senhor. — Tendo chegado ao conhecimento do governo que em alguns districtos administrativos do continente do reino deixaram muitos contribuintes de concorrer ao exame das matrizes prediaes durante os prasos que legalmente estiveram patentes ás reclamações, e sendo possivel que por virtude d'este abandono dos seus proprios interesses se tenham dado desigualdades na apreciação do verdadeiro rendimento collectavel de suas propriedades em razão de erradas informações que se obtivessem, e contra as quaes não houve reclamações, podendo tambem ter contribuido para a injusta apreciação do valor da propriedade a

---

FOLHETIM.

CHRISTINA. (*)

POR HENRY MURGER.

O mancebo fez com a cabeça um gesto affirmativo.

— Sois o sr. Luciano?

— Sou....

— N'esse caso, disse Christina, erguendo-se da cadeira — acabou todo o mysterio. Visto que sois o sr. Luciano, continue cada um de nós o seu caminho. Vós, Luciano, ide ao baile — eu, por mim, irei onde ia, quando nos encontramos. Já me não espanto que estejaes ao facto das minucias que ha pouco, me picavam a curiosidade, porque vos suppuz um desconhecido. Não temos nada que contar um ao outro, senhor,; agora mais que nunca chegou a hora de nos separarmos.

— Mas aonde quereis vós ir? — perguntou Luciano.

— Aonde ia, quando nos encontramos — repetio ella friamente.

— E julgaes que vos deixarei partir? — disse o mancebo, procurando segurar-lhe as mãos entre as d'elle.

— Não vos lembrareis já da promessa que me fizestes, ou tenho de me arrepender de me ter fiado em vós?

— Deixar-vos-hei partir, se assim o exigis, mas só depois de me promtterdes que renunciaes a esse projecto fatal. Vós.... morrer! — continuou elle com uma agitação crescente — vós, morrer! E eu havia de encontrar-vos, trazer-vos a minha casa, para vos deixar partir, dizendo-me vós que sahís daqui para procurar de novo a morte! E é a mim, a mim que vos amo, que vindes dizer isso!.

— E' por causa d'esse amor que a minha morte é necessaria.

— E' estranho! — pensou Luciano, olhando-a. O doutor L... tinha razão; na sua doença ha visos d'alienação. Mas — continuou elle com meiguice, depois de a obrigar a sentar-se de novo — como foi que vos encontrei, esta noite, na ponte, se ainda, esta manhã, vos vi no *Hotel-Dieu*, deitada na cama n.º 15 da enfermaria de Santa Cecilia? Que caso grave vos obrigou a sahir do hospital? Ainda não estaveis boa, bem o sabeis, pois que o medico que, esta manhã, vos fez a visita vos declarou que ainda tinheis doença para um mez. Não sei mesmo como vos podestes ter nas pernas, estando tão fraca, como parecieis. E como vos deixaram sahir?. E' na verdade, incrivel tudo isto. A's tres horas ainda, o nosso curso no *Hotel-Dieu* não tinha acabado, e, passando pela vossa enfermaria, lá vos vi na cama. Por tanto só depois das tres horas é que sahistes do hospital. Mas porque? porque? é isto que me confunde.

— Escutae-me, senhor Luciano. Já que me interrogaes, vou responder-vos. Uma semi-confidencia não valeria nada. Vou contar-vos tudo. Sei que direis, como o doutor L... que na minha doença ha o quer que seja d'alienação; mas por mais que façaes para m'o persuadir, perdeis o tempo. O que tem de ser tem de ser — repetio ella com uma viva energia d'accento e olhar. Perguntastes-me por que deixei hoje o *Hotel-Dieu*. Conheceis esta carta? — perguntou ella, tirando do seio a carta com que tinha comparada a que encontrára sobre o fogão.

— E' o bilhete que vos mandei não ha muito, pela enfermeira de vossa salla.

— A's tres horas, não?

— Exactamente, ás tres horas.

— Pois — disse Christina — ás quatro horas sahia eu do *Hotel-Dieu*, e foi a vossa carta que me obrigou a sahir.

— Foi a minha carta que vos obrigou a sahir!.. — repetio Luciano machinalmente. Foi por minha causa, no estado em que estaveis, mal podendo andar, que deixastes o hospital? Mas lestes mal, — comprehendestes mal essa carta, Christina. Fizestes de mim mau conceito — disse elle, esmagado por esta revellação. Essa carta não fazia mais que repetir o que as cartas precedentes diziam: — amo-vos — amo-vos.

— Por causa d'esse amor é que eu sahi.

— Mas porque quereis morrer — replicou elle vivamente, vibrando sobre ella um olhar tão interrogador, que um rubor subito lhe purpureou a pallidez da fronte.

— Porque quero morrer? — disse ella em voz baixa. Por que? Escutae-me e promettei responder-me com franqueza ás perguntas que vos fizer. Pagar-vos-hei depois na mesma moeda. Que edade tendes vós?.

— Vinte e tres annos.

— Desde quando julgaes amar-me?

— Desde o dia em que acompanhei a visita do doutor L.... e vos encontrei no *Hotel-Dieu*. Logo ahi, não pude fugir ao prestigio da desvulgaridade que vos distingue, e que me fascinou. Vendo-vos estendida n'aquelle leito de caridade publica, pensei entre mim que por força muito desgraçada ereis; quando depois soube que, ao contrario das outras doentes, nem uma só visita recebieis, um abandono assim tocou-me o coração d'uma piedade profunda, e amei-vos, Christina. Este amor não tem similhança alguma com os caprichos e extravagancias mais ou menos duradoiras que as mulheres, que conheci até hoje, conseguiram inspirar-me. E' um sentimento serio, uma paixão profundamente arraigada, que terá sobre a minha vida, creio-o, uma grande influencia. Desde o principio que o presenti. Estou acostumado a viver entre rapazes que tratam o amor muito á ligeira; não sou, pois, nem timido, nem acanhado com mulheres. Comvosco, porém, succedeo o contrario. Não me atrevia a olhar-vos; muito menos a dirigir-vos a palavra. E tanto que apesar de passar todos os dias rente da vossa cama, explico muito bem o não terdes descoberto este amor e terdes attribuido talvez a outro as cartas que vos escrevia e que nem ousava dar-vos na mão. Não obstante, se me tivesseis amado, Christina — porque é impossivel que apesar de todas as cautellas e de toda a discrição, me não tenha trahido o desejo instinctivo de ser advinhado — se me tivesseis amado, e mesmo pelo olhar fugitivo, com que todas as manhãs vos fitava, terieis palpitado, d'onde vos vinham as cartas que talvez nem lesseis..

— Li-as todas; mas suppondo que eu quizesse responder-lhes, as cartas não me diziam como, além de que eram postas sobre a minha meza, quando eu dormia.

Continúa.

(*) *Continuado do n.º antecedente.*

má intelligencia que os empregados fiscaes tenham dado á legislação que regula o serviço da contribuição predial; por todos estes motivos e sendo os principios do governo de Vossa Magestade, que a lei se applique com toda a igualdade e exactidão, por forma que aos contribuintes se faça plena justiça, e não grayame, e se torne tão suave quanto é possivel o pagamento dos impostos, tenho a honra de submetter á elevada consideração de Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Secretaria de estado dos negocios da fazenda, em 22 de Maio de 1862. = *Joaquim Thomaz Lobo de Avila.*

DECRETO.

Artigo 1.º São authorisadas, no corrente anno, novas reclamações e recursos por parte dos contribuintes sobre o rendimento collectavel descripto nas matrizes da contribuição predial.

Art. 2.º Para a admissão e resolução d'estas reclamações e recursos, proceder-se-ha na conformidade do que foi estabelecido nas instrucções regulamentares de 7 de Agosto de 1860, com relação ao serviço de 1861.

Art. 3.º Fica por este modo alterada, sómente com relação ao corrente anno, a disposição do artigo 35.º das referidas instrucções regulamentares.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 22 de Maio de 1862. — REI. — *Joaquim Thomaz Lobo de Avila.*

LISBOA 24.

[Do nosso correspondente.]

As noticias que o «Diario de Lisboa» tem publicado, depois da nossa ultima carta, e que estão em completa opposição com as que trazem as cartas do norte, são as seguintes:

LISBOA, 20 DE MAIO.

«Pelos telegrammas que chegaram hoje, consta que em Castello Branco a ordem não tornou a ser alterada, havendo socego em todo o districto, bem como nos de Vizeu e de Villa Real.

«No Minho os tumultos estão circumscriptos aos concelhos de Amares, Villa Verde e Terras de Bouro, para os quaes se dirigia uma força sufficiente para alli se restabelecer a ordem.

«Nos outros districtos do reino continua inalteravel o socego publico.»

LISBOA 21 DE MAIO.

«As noticias chegadas dos districtos do reino declaram que o socego não foi perturbado, a não ser no logar da Feira Nova, no districto de Braga, aonde hontem de tarde appareceram grupos consideraveis de tumultuarios; elles foram facilmente dispersados pela força militar que estava n'este ponto, e retiraram desordenadamente para as suas freguezias queixando-se de terem sido atraiçoados pelos instigadores.»

LISBOA 22 DE MAIO.

«Por participações telegraphicas chegadas hoje, consta que nos concelhos do districto de Braga, aonde a tranquillidade havia sido alterada, se vai restabelecendo o socego, e que alguns dos instigadores das desordens tinham sido capturados.

«Nos outros districtos do reino a tranquillidade publica continua inalteravel.»

LISBOA 23 DE MAIO

«Por noticias chegadas hoje de Braga consta que em Feira Nova e nas freguezias visinhas, ha perfeito socego.

«Nas Taipas e Povoa de Lanhoso têem sido baldadas as diligencias para agitar o povo, o qual não presta ouvidos aos instigadores. Nos demais concelhos do mesmo districto havia tranquillidade.

«Não consta que nas outras terras do reino a ordem tenha sida alterada.»

Na *parte official* do «Diario» de hontem, lê-se a seguinte portaria:

(Vai publicada em outro logar.

Interpellação do ex.mo snr. Visconde de Pindella na camara dos snrs. deputados, em sessão de de Maio de 1862.

O sr. *Visconde de Pindella*: — Ha dias mandei para a mesa uma nota de interpellação ao sr. ministro da guerra, a quem muito respeito, e que tenho a fortuna de ver presente, relativamente a dois edificios que existem em Guimarães, dos quaes o ministerio da guerra está de posse, com o fim de ter ali um hospital militar. Ora, já vê v. ex.ª que lá não existe corpo algum de tropa, e mesmo quando n'outro tempo existiu não tinha nenhum d'esses edificios, porque estavam occupados pelas ordens monasticas a que pertenciam.

Um d'esses edificios, o do Carmo, á morte da ultima religiosa, foi pedido pelo commandante do batalhão de caçadores n.º 7, que n'essa epocha se achava em Guimarães, com o fim de estabelecer n'ella o seu hospital militar, o que nunca verificou, attento o estado ruinoso em que se achava e a ha este edificio; o corpo saiu d'aquella cidade, e passado muito tempo este edificio foi cedido *interinamente* para uma commissão que promove o estabelecer n'elle um asylo de infancia desvalida, mas que desgraçadamente tem baldado todos os seus esforços, e eu tambem, para obter este edificio, embora para um fim tão altamente humanitario como este (*apoiados*). E note a camara, isto n'uma terra tão importante e populosa, e que nem um estabelecimento possue d'esta ordem. Em vista d'isto sr. presidente, em vista da recusa d'esta cedencia, o que acontece é — que o asylo não se tem estabelecido, e isto com o maior desgosto dos habitantes de Guimarães, que tão promptos estão a concorrer para esta obra de piedade e amor do proximo (*apoiados*).

Agora a digna camara municipal de Guimarães, por intermedio da auctoridade superior do districto, pediu ao ministerio do reino um outro convento de S. Francisco, onde antigamente existiu hospital militar, e consta-me, não tenho mesmo a menor certeza, que a resposta dada pela secretaria da guerra ao ministerio do reino fôra — de que não podia ceder esse edificio. Quer dizer que não havendo em Guimarães um corpo de tropa existem ali dois edificios destinados para hospitaes militares! Ora isto creio eu que s. ex.ª o sr. ministro da guerra não deseja nem póde desejar, e eu entendo que era de toda justiça que o edificio pedido fosse dado para a illustre municipalidade, porque acresce que possuindo um outro edificio, que era o convento de S. Domingos, em que estavam as repartições de administração e de fazenda, esse vae ser demolido em breve, e tão breve que já a esta hora o deveria estar, porque é pelo meio d'elle que dá entrada de Braga para Guimarães, que já se acha em construcção; já se vê pois que o pedido é tão justo, como necessario e urgente.

Ora, a digna camara municipal pedia o edificio de S. Francisco para ali estabecer estas repartições, porque embora ella se veja forçada a pagar o aluguel de uma casa para collocar n'ella estas repartições, não a tem, por não haver edificio disponivel, que tenha a capacidade necessaria para esse fim, e que houvesse, que não ha, para que haviam os povos de concorrer para esta despeza, tendo ali o estado dois edificios, que de mais a mais estão a desabar?

Por conseguinte a verdade é esta = é que ha tres edificios em Guimarães; um que vae ser demolido para dar entrada á estrada; e dois, que estão dados ao ministerio da guerra para hospitaes militares sem haver doentes! Ora, ali ha muito tempo que não ha corpo nenhum de tropa, e ainda mesmo que hoje o houvesse, como é de toda a precisão que haja, seria de mais dous edificios para hospitaes militares, ainda mesmo que esse corpo lá exista.

V. ex.ª sabe, e o nobre ministro melhor que ninguem, que em Guimarães estiveram n'outro tempo corpos militares; esteve o 21, o 18, o 14, o 13 e outros, e nunca tiveram nenhum d'esse edificios nem os podiam ter, porque era anteriormente a 1834, e dois edificios eram de frades e um de religiosas e isto quando os regimentos tinham soldados, bastava-lhes o seu quartel.

Ora, constando-me que da secretaria da guerra se tinha dito para o ministerio do reino = que não podia ceder nenhum d'aquelles edificios =, desejo ouvir s. ex.ª porque não póde deixar de concordar comigo = em que dois edificios para o mesmo objecto é impossivel, e o nobre ministro não quererá por certo que Guimarães soffra dois males = a falta de dois edificios dados para uma cousa que ali não existe.

De maneira que pediu-se um d'estes edificios como disse ha pouco, para um estabelecimento tão respeitavel e tão santo como é o de um asylo, e não se lhe dá: pede agora a digna municipalidade de Guimarães com tanta urgencia e necessidade um d'esses edificios, para n'elle estabelecer as repartições de Fazenda e de administração, e nega-se-lhe tambem! Dirigiu-se ao ministerio do reino, este officiou ao da guerra, e a resposta foi — de que o não cedia porque era destinado para hospital militar —. Isto assim é impossivel continuar; e a camara e o nobre ministro hão de reconhecer que estes dois edificios para o mesmo objecto são desnecessarios, e o serão sempre, ainda mesmo que para ali volte um corpo, como eu espero que voltará, mas que se póde conciliar tudo — a cedencia d'estes edificios, e esse elemento de ordem e segurança publica, de que tanto carecemos, e a prova d'isto está tão proxima que escuso bem de me referir a ella; mas no convento de S. Francisco, cedido que fosse ao municipio de Guimarães, como eu espero ainda que virá a ser, podia ali acommodar-se o hospital militar; já se vê pois que um pedido não contraria de fórma alguma o outro.

Agora dois edificios, ambos elles destinados para hospitaes militares, isso é que me parece, é, direi mesmo, desnecessario e injusto, a não ser que por uma grande e tremenda fatalidade tenha de dar a cholera morbus ou a febre amarella ao corpo que para ali vá (*riso*) [o que Deus não permitta]; a não ser isso não sei como se poderá sustentar a posse d'estes dois edificios, que de mais a mais estão em completo estado de ruina, e que d'aqui a pouco não serão para ninguem.

Por conseguinte eu pedia ao nobre ministro da guerra que diga se é verdade a resposta que me consta se deu pelo seu ministerio ao do reino sobre ou relativamente este assumpto, isto é, denegando o edificio que com tanta rasão e com tanta instancia pediu a illustre municipalidade de Guimarães, sempre solicita e zelosa pelos interesses dos povos, que com tanta illustração representa. E peço a v. ex.ª o conservar-me a palavra para depois de ouvir o nobre ministro da guerra; não sei se m'o véda a determinação da camara, mas isto é uma interpellação, e ser-me-ha summamente penoso não responder desde já ao illustre ministro. Emfim v. ex.ª fará como for de justiça; mas é um objecto este de tanto interesse para Guimarães que não posso deixar de instar pela palavra, embora, certo da justiça d'elle, eu não tenha senão que agradecer ao nobre ministro da guerra.

Aguardo a resposta de s. ex.ª

O sr. *Ministro da Guerra*: — Eu não posso responder precisamente ao illustre deputado, porque é possivel que tenha assignado algum officio em que esteja o que refere o illustre deputado; não me recordo, mas poderei examinal-o.

O que posso dizer em geral — é que o ministerio da guerra tem deixado de fazer uso de varios edificios que foram postos á sua disposição depois de 1834, em consequencia da reducção do exercito. As sommas votadas no orçamento para despesas com quarteis são tão insignificantes que apenas chegam para concertar alguns d'elles, que estão n'um estado deploravel. O ministerio da guerra, de accordo com o da fazenda, resolveram que os edificios que estão na administração do ministerio da guerra, o que podessem ser dispensados fossem entregues ao ministerio da fazenda para serem vendidos em hasta publica, a fim de com o producto d'estas vendas se repararem os quarteis.

A commissão de fazenda concordou, e no orçamento que foi apresentado á camara o anno passado já lá vem uma disposição n'esse sentido. Por tanto tudo que for ao ministerio da guerra algum dos edificios que possa vender, é tirar-lhe uma certa somma que deveria ser applicada a obras militares, e então será preciso que o ministro da guerra venha pedir á camara um somma equivalente para as referidas obras. Se a camara está disposta a votar qualquer somma para este fim, o ministerio da guerra poderá então desfazer-se de qualquer edificio em favor de alguma camara municipal, ou de qualquer ou de qualquer outra corporação [*Vozes*: — Nada, nada]. A camara não faz idéa da quantidade de requisições que ha no ministerio da guerra a este respeito.

Emquanto ao caso especial de que fallou o illustre deputado tenho a dizer — que mais tarde ou mais cedo ha de estabelecer-se um corpo de tropa em Guimarães e que é preciso que tenha um quartel antigo, não sei, mas parece-me que ha de ser preciso fazer-lhe grandes reparações; talvez seja necessario mudar o corpo para outro edificio.

Em Elvas havia um antigo quartel onde estava um batalhão de caçadores, mas não tendo as condições que hoje se exigem para acommodar tropa vae ser abandonado e mandei preparar o antigo convento de S. Paulo, e lá se está fazendo um quartel decente.

O sr. *Barão do Rio Zezere*: — Apoiado.

O *Orador*: — Está presente o sr. barão do Rio Zezere, e s. ex.ª que esteve ha pouco em Elvas sabe que ali se está fazendo um quartel para um batalhão.

O sr. *Barão do Rio Zezere*: — E barato.

O *Orador*; — E' tambem possivel que em Guimarães seja necessario substituir o antigo quartel do castello por outro, e então não convem ao ministerio desfazer-se d'aquelle edificio.

O sr. *Visconde de Pindella*: — Não é o castello. Parece que estamos tão longe de Guimarães como da China, Peço a palavra

O sr. *Presidente*: — Não posso dar-lh'a.

O sr. *Visconde de Pindella*: Peço a

ex.ª que consulte a camara, quero que se saiba que fiz toda a diligencia para responder ao sr. ministro da guerra, e peço aos srs. tachygraphos que tomem nota d'isto, porque poder-se-ha julgar que não tenho rasões para responder ao illustre ministro, e não só tenho rasões, mas justiça.....

O sr. *Presidente*: Não posso dar-lhe a palavra sem consultar a camara.

O sr. *Visconde de Pindella*: Eu peço a v. ex.ª que me conserve a inscripção para quando estiver presente o sr. ministro da guerra.

BOLETIM ESTRANGEIRO

Turin, 17 de Maio

As noticias de Bergano e de Brescia dizem que reina perfeita tranquillidade n'esta cidade. Foram enviados reforços ás frontejras que estão guardadas de maneira a tornar impossivel qualquer tentativa.

Milão, 18.

Assegura-se que o prefeito Brescia dera a sua demissão. Toda a imprensa lombarda é unanime em approvar a energia do governo nos ultimos successos.

O jornal a «Alliança» publica um manifesto de Kossuth á Confederação danubiana.

Berlin, 17.

Participa-se das fronteiras da Polonia, sabado:

«Em consequencia de se cantarem hinnos prohibidos na igreja das Carmelitas, em Varsovia, algumas pessoas, pela maior parte mulheres, foram prezas, de que resultou um conflito com a policia. As tropas estacionaram nas praças publicas.

«O arcebispo escreveu ao governador geral Krzyzanowski, que as vexações da policia, nas igrejas, acabariam por ter as mais tristes consequencia.»

Idem, 19

A Prussia enviou seu «ultimatum» á Hesse, exigindo a immediata mudança do ministerio, que recebeu de um modo offensivo o enviado prussiano.

Idem.

Ao abrir-se a Camara, o presidente do Conselho pronunciou um discurso, manifestando que o governo continuará com perseverança pela senda dos principios annunciados por occasião da sua elevação ao poder, e que velará do mesmo modo pelos direitos do côrôa como pela Constituição e a representação nacional.

Turin, 19.

Os austriacos occuparam militarmente a linha do lago de Garda Já no dia 15 tinham começado a tomar precauções

Roma, 18.

O general Goyon partiu esta manhã para Paris, onde foi chamado para conferenciar com o Imperador

Napoles, 18.

O rei assistiu á ceremonia da collocação da primeira pedra do novo porto, e por esta occasião de uma nova ovação. Apesar da chuva, era immenso o concurso do povo.

O rei parte na noite de 20

EXPEDIENTE.

Pedimos a todos os nossos assignantes, que não tenham recebido regularmente a nossa folha, que dêem parte a esta redacção, para se darem as providencias convenientes. O mesmo pedido fazemos ás redacções dos jornaes com quem trocamos o «Vimaranense».

PREÇOS CORRENTES DO MERCADO.

Feira de 17 de Maio de 1862.

Trigo alqueire	1$100
Centeio...«	530
Milho branco.....	490
Dito amarello.....	480
Milho alvo.....	530
Farinha ..«	520
Batatas...«	240
Feijão ....«	580
Painço....«	350
Azeite almude	5$800
Vinho.....«.....	1$650

SECÇÃO NOTICIOSA

Ordem do dia. — No numero passado dissemos «á ultima hora» que alguns piquetes de infantaria 5 tinhão sahido para fóra da cidade, por causa do povo armado que se approximava.

Effectivamente um dos piquetes dirigiu-se ao monte de S. Pedro, e trocou alguns tiros com a populaça, que em razão da grande distancia, não causaram prejuiso algum.

A's sete horas, já o povo tinha retirado, recolhendo a força do 5 a quarteis.

O povo era no numero pouco mais ou menos de duzentas pessoas, mas só trinta ou quarenta armadas.

Traziam dois tambores e uma corneta, e dizem que eram capitaneados pelo Padre José da Lage e outro individuo da Povoa.

N'essa noite pernoitaram nas proximidades de S. Torquato, e no dia seguinte estiveram nas Caldas das Taipas.

Na quarta feira á noute chegou inesperadamente o regimento 10 e o 5 partio para as Caldas demorando-se alli até hontem, que foi rendido por um destacamento do 10, que por emquanto fica alli estacionado.

O 5 partio para o Porto.

Os regedores tem recebido officios dos chefes dos amotinados, para avisarem as freguezias para estarem promptos á primeira voz.

Aquelles que não cumprem são ameaçados, e alguns já tem sido procurados, e soffrido bastantes prejuisos nas suas casas.

No domingo os amotinados quebraram o fio eletrico em duas partes.

Hontem, dia de feira nas Caldas, houve um reboliço, que obrigou a tropa alli estacionada a pegar em armas, mas não passou de susto.

Todos os dias tem tocado mais ou menos os sinos a rebate, em algumas freguezias d'este concelho e circumvisinhanças da Povoa.

Esta noute apedrejaram a guarda do quartel. A sentinella chamou ás armas, e os soldados dispararam alguns tiros: depois sahiram alguns piquetes a rondar em volta do quartel, mas não encontraram ninguem.

Hoje partiu para as Caldas outro destacamento a reforçar o que lá estava.

A agitação na classe popular continua ainda, comtudo n'esta cidade, Fafe e Basto não tem sido alterado o socego publico.

Loteria — Na ultima loteria de Hespanha sairam 50 mil crusados ao sr. Almeida do Toural.

Já não é a primeira vez que a sorte o obzequeia.

Damos-lhe os nossos parabens.

Trovoada. — Conta-se que no domingo houvera uma terrivel trovoada para os lados da Lixa.

O rio Souza cresceo a tal ponto, que innundou os campos proximos á margem e destruiu todas as sementeiras, causando numerosos estragos.

Ladainhas — principiaram hontem e acabam amanhã as ladainhas de Maio.

Antigamente a camara d'esta cidade acompanhava o Cabido n'estes dias a S. Torquato — a Mosteiro de Souto — e a S. João de Ponte.

Ultimamente ficou reduzido este voto a irem ouvir em cada um dos tres dias uma missa a S. Domingos, S. Francisco e Santa Clara.

Não é mal lembrada! — O escrivão de fazenda de Ponte do Lima mandou para Vianna as matrizes dentro d'uma pipa!

Cosa-a e volte — Sob a epigraphe — *Chegada e partida* — escrevemos no numero 10 do «Vimaranense» o seguinte:

«Chegou a esta cidade na mallaposta e partiu para Fafe o sr. deputado Ferreira de Mello.»

Dias depois em uma correspondencia de Fafe, inserta no «Diario Mercantil» lia-se:

«N'estes ultimos dias vi eu n'um jornal que se publica em Guimarães, uma noticia que faz rir! diz o dito jornal, que tinha chegado áquella cidade, e marchado logo para Fafe o deputado Ferreira de Mello; que isto tinha causado muita sensação, e que o povo suppunha que elle vinha com o fim de manter o socego no seu concelho!!!

Que quererá o noticiarista dizer n'aquella sua noticia (falsa) e suposição? Se não é tôlo, está cassoando com os seus leitores.»

N'esta allusão, que não podendo, como se vê cahir sobre nós, visa a um jornal não existente, força é accreditar que anda grandissima inspiração de Bacco! Felizmente ainda lhe deu para rir!

Mas, rindo ou chorando, o vicio é já demasiado feio, para que o revelle aos seus conterraneos, quanto mais para o vir assoalhar á imprensa.

Amigo, cosa-a e volte.

Lê-se n'uma correspondencia de Pariz — Houve na quinta-feira passada um banquete campestre em Trianon, no parque de Versailles, isto em obsequio ao rei da Holanda. Depois da refeição a que assistiram mais de duzentas pessoas, os illustres convivas foram passeiar em barcos na presa d'agua. As senhoras tinham rapidamente improvisado um elegante traje de barqueiras; o que porém chamou de ponto a attenção foi ser o batel da imperatriz, conduzido pelo cavalheiro Nigra ministro da Italia.

Tumulto nocturno. — (Do «Conservador»). — Que extraordinario tumulto — que houve n'aquella rua: — o sol estava sepulto — mas brilhava a doce lua; — os moradores dormiam — só alguns vultos se viam — por entre as trevas girar; — eram algumas patrulhas. — a gente que aparta bulhas — e faz praguentos calar. — De repente ouvem-se apitos — algazarra gritaria, — fallas canfusas e gritos — saidos d'uma janella. — Os soldados correm logo, — julgando talvez ser fogo; — e abrem da escada a porta — mas são gritos a ladrões. — Acorda-se a visinhança: — buscam-se todos os cantos; — e por fim de tanta dança; — apparecem os ladrões; — eram dous gatos malditos — que bispando na cosinha — uns poucos de peixes fritos — andaram aos encontrões, — a ver qual os tragaria. — Toda esta algaravia — acabou em gargalhada — ficando a gente da casa — pelo caso envergonhada. —

Assemblea Vimaranense. — Houve domingo baile n'esta assemblea. Estiveram 30 sr.as, e bastantes cavalheiros. O serviço foi profuso, e dançou-se até ás tres horas e meia da madrugada.

Cortes. — Forem prorogadas até 21 de Junho.

Questão religiosa. — O parecer da maioria n'esta questão foi rejeitado na generalidade por 87 votos contra 67,

O do governo foi approvado por 91 votos-contra 54.

Theatro — A companhia dramatica Lisbonense levou no sabbado á scena, a «Pobreza envergonhada» drama em 5 actos, 6 quadros e um prologo.

O drama agradou muito e o desempenho foi bom.

Concorrencia na platea mais que regular.

Aviso ás damas — Um dos maiores prazeres que se encontra nos campos é por certo colher flores e fazer com ellas ramilhetes. Pelo menos as senhoras sentem por este prazer extrema predilecção. Com que voluptuosidade não aspiram ellas os suaves aromas d'esses gratos dons da primavera!

Desgraçadamente este goso innocente encerra grandes perigos.

Um medico francez acaba de ser chamado a uma encantadora casa de campo onde algumas donzellas estavam padecendo violentas nevralgias. As dores abrandaram depois de abundantes evacuações nasaes; mas o medico ficou extremamente admirado quando ao examinar com cuidado estas evacuações viu n'ellas differentes larvas e cleopteros. Depois de varias perguntas soube que as interessantes doentes haviam aspirado com soffreguidão algumas flores, e desde logo estudou este phenomeno Conheceu então que vivendo e agitando-se sobre as petalas das flores dos campos numerosas larvas de todas as qualidades, ao aspirarem-se os aromas das flores aquelles bichinhos se introduzem nos fossos nasaes. N'uma das doentes as dores resistiram ás evacuações e o medico teve de recorrer-se a um

remedio energico fazendo-lhe fumar cigarrilhas de arseniato de soda. Vieram novas evacuações cheias de larvas e o padecimento cessou.

Resulta d'isto que é bom haver toda a cautella em não procurar com excesso o suave prazer de aspirar flores.

Caso notavel = N'uma «cremerie» do Poriz estavam, no dia 28 de Março, muitos consumidores, que bebendo se entretinham a contar historias em que a fatalidade representava o principal papel.

N'uma mesa separada estava um mancebo que parecia tomar muito interesse na conversação.

= Se quereis, disse elle quando os outros acabaram de fallar, eu posso contar-vos uma historia inteiramente verdadeira o que é mais uma prova de como o acaso póde influir ao destino do homem.

Ouviram-no os outros, até que elle terminando a sua historia disse:

Bem vêdes que aquelle a quem taes cousas aconteceram não tem senão um recurso -- o suicidio.

Dizendo isto impallideceu. Elle tinha conservado a mão debaixo do paletot. Viram-no cahir, correram a soccorrel-o, e, desapertando-lhe o colete, descobriram que estava com o peito coberto de sangue. Acabava de cravar uma faca na região do coração.

Este mancebo era um viajante de commercio chamado W.... que estava hospedado n'um hotel da rua Montmartre.

Cavallos de grande raça = O célebre Abd-el-kader mandou ao imperador dos francezes dous magnificos cavallos de Ymem da mais pura raça arabe e que, segundo diz na carta o Emir, devem descender em linha recta da famosa égoa do propheta!

Fontes de Sangue. = Entre as curiosidades que uma recente exploração descobriu no districto de Gracias, que é um dos paizes mais curiosos e menos conhecidos da America central, ha uma que não tem talvez semelhante no resto da America, segundo diz o «Magasin Pittoresque».

Perto de uma pequena aldeia do Pueblo de la Virtude, ha uma fonte de sangue.

Do interior de uma pequena caverna repuxa perpetuamente um liquido vermelho que, exposto ao contacto do ar, se coagula e corrompe como o sangue.

Muitas vezes se tentou fazer a analyse d'aquelle liquido singular, mas até agora não póde ter lugar a experiencia porque a rapida decomposição de liquido rebenta as garrafas em que o lançam.

Suppõe-se que as extraordinarias particularidades que distinguem aquella fonte são devidas á rapida giração de infusorios colorados que se opéra na gruta.

LIQUIDAÇÃO DOS GENEROS E VIVERES PERTENCENTE AO ANNO DE 1861.

Generos	Preços	Generos	Preços
Trigo alqueire	940	Cada 15 kilogramas de marrã de porco secca	2$400
Centeio «	470	Cada 459 gramas de marrã de espeto	100
Milhão «	440	Pernochil de porco	80
Milho alvo	470	Duzia de vogas	50
Dito amarello	420	Lamprea	200
Painço	280	Cada 459 gramas de pescada secca	30
Feijão rajado	470	Duzia de molhos de palha painça d'argola	600
Dito fradinho	390	Dita dita dita	360
Castanha verde	180	Carrada de palha triga	1$100
Dita secca	540	Colmeiro de vencilho grande	60
Nozes	400	Carro de lenha	800
Landes	55	Dito de canhotos	900
Favas	340	Metro de vergal	100
Cevada	300	Dito d'estopa	130
Batatas	200	Dito de panno de linho	160
Quartilho de mostarda	80	Affuzal de linho	240
Vinho mol, almude	800	Miada de linho	60
Dito no tresfego	900	Homem de geira	80
Canada de azeite	390	Cada kilograma de cera amarella	600
Dita de manteiga	400	Dita fabricada	850
Dita de nata	200	Cabo de cebolas	30
Dita de mel	320	Aresta d'alhos	10
Ovo	5	Carrada de estrume	600
Gallinha	200	Carreto de bois e carro por legoa	400
Franga	120	Cento de peras	80
Frango	80	Cento de maçãs	100
Pinto	20	Cento de laranjas	160
Cappão	260	Cesto de cerejas	160
Perdiz	100	Cada 15 kilogramas de palha triga	80
Pato	240		
Perú	800		
Perúa	360		
Leitão	500		
Carneiro	360		
Anho	300		
Coelho	80		
Cada 15 kilogramas de marrãs de porco	2$000		

ANNUNCIOS.

MANOEL José da Silva Guimarães, negociante no Miradouro, freguezia de S. Miguel de Creixomil, arrenda a sua casa e quintal, sita no Souto dos Mortos, suburbios d'esta cidade, a qual tem excellentes commodos, e faz frente para a egreja da mesma freguezia e para a estrada para esta cidade. Quem a pertender arrendar dirija-se ao annunciante. (20)

Nos dias 31 do corrente mez de Maio, 7, e 14 de Junho futuro do corrente anno, se tem de proceder por 9 horas da manhã, no tribunal das audiencias d'esta comarca, collocado no extincto convento de S. Domingos, d'esta cidade, ao arrendamento judicial de todos os bens rusticos e urbanos, de que se compõe a casa dos orfãos, filhos que ficaram de Antonio Vaz Vieira da Silva e Napoles, morador que foi na casa do Toural, d'esta mesma cidade, pelo tempo e condicções que constam do respectivo inventario, do qual é Escrivão Geraldes. (24)

Arrenda-se a casa com bom quintal sita na rua de Infesta n.º 1: trata-se com Antonio José Ferreira Caldas, no Toural n.º 15. (21)

POR este juizo e cartorio de Sousa Guimarães, e que actualmente serve ajudante Freitas Guimarães, se tem de arrendar e arrematar judicialmente no tribunal das audiencias, no extincto convento de S. Domingos d'esta cidade, no dia 31 de corrente mez, pelas 9 horas da manhã, os fructos e rendimentos do casal de Cima de Villa, e do quintal do dito Casal sito na freguezia de S. Martinho de Sande, com as declarações que no acto da praça serão presentes, o qual é pertencente ao filho de Anna Marques e marido da dita freguezia. Quem nos mesmos quizer lançar comparecerá no indicado dia, hora e local. (26)

PELO Juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão Mascarenhas, se afixaram editos de 90 dias, a contar desde o dia 8 do mez de Abril preterito, a requerimento de Antonio Gonçalves de Sousa, e mulher, da freguezia de S. Paio de Brunhães, julgado da Povoa de Lanhozo, afim de ser citado Antonio Joaquim Peixoto de Magalhães, morador que foi n'esta cidade, e hoje ausente em parte incerta no imperio do Brazil, para fallar a um libello de divida e liquidação de contas dos rendimentos do casal da Baga, sito na freguezia de Sobradello da Goma, e a todos os seus termos e dependencias até final sentença, e sua execução, pena de revelia. (27)

Pelo juizo de direito d'esta camara e cartorio do escrivão Moreira de S correm edictos de 30 dias a conta do dia 12 do corrente, a chamar todas e quaesquer pessoas certas incertas que se julguem por ventura com direito ao cazal da Cancella sito na freguezia de S. Lourenço de Sande, emprazado por João Baptista Sampaio e mulher d'esta cidade Antonio Joaquim da Costa Guimarães da freguezia de Travassos, concelho da Povoa de Lanhozo, ou entrada da quantia de 1:800$00 mil réis depositado em poder de Manoel Joaquim da Cruz d'esta cidade, e o fôro de alqueire e meio de trigo, o venham deduzir no dito prazo de 30 dias, pena de que não vindo serão lançados, e o dito cazal julgar livre e desembaraçado para o annunciante Antonio Joaquim da Costa Guimarães, e o dinheiro depositado para os sobreditos senhorios directos. (28)

THEATRO
DE
D. AFFONSO HENRIQUES

QUINTA FEIRA 29 DE MAIO.

3.ª *Recita d'assignatura.*

Em beneficio da 1.ª dama

ANTONIA JOAQUINA

A 1.ª e unica representação do drama familiar em 5 actos.

A DAMA DAS CAMELIAS

TITULOS DOS ACTOS

1.º — A declaração — 2.º — A carta — 3.º — Valor inaudito — 4.º — Desprezo e affronta — 5.º — A morte.

SAUDAÇÃO A GUIMARÃES

Poesia escripta expressamente pelo Sr. Mendes Leal (Antonio) recitada pela beneficiada.

O PREGO!

Poesia comica recitada por Mendes Leal (Antonio.)

PREÇOS AVULSOS.

Camarotes da 1.ª e 2.ª ordem, frente	2$000
Lados	1$600
Camarotes da 3.ª ordem frentes	1$500
Lados	1$200
N.º 1 e 15 da terceira	720
Plateia	300

Principiará ás 9 horas.

PREÇO DA ASSIGNATURA

SEM ESTAMPILHA.

Por anno	2$400 rs.
Por semestre	1$200 «
Folha avulsa	40 «

Publica-se ás terças e sextas feiras. — Correspondencias de interesse particular 40 réis por linha; *gratis*, sendo de interesse publico. = Publicações litterarias serão annunciadas, recebendo a redacção dois exemplares. — Annuncios, por linha 40 réis, repetição 20. — A correspondencia será dirigida, franca de porte, á redacção d'este periodico, ou ao administrador Julio Pinto Monteiro Girão. = Os primeiros seis mezes da assignatura são pagos adiantados

PREÇO DA ASSIGNATURA

COM ESTAMPILHA

Por anno	2$880 rs.
Por semestre	1$440 «
Folha avulsa	40

GUIMARÃES TYPOGRAPHIA VIMARANENSE RUA DE SANTA MARIA N.º 16